MENINO JESUS DO MONTE: UM ESTUDO ICONOGRÁFICO

Edjane Cristina Rodrigues da Silva
Museóloga do MAS/UFBA
Doutoranda do PPGAV / EBA / UFBA
janecrsilva@hotmail.com

RESUMO
Este artigo tem como objetivo apresentar algumas representações iconográficas de Jesus, ainda na sua infância, dando destaque a representação conhecida como Menino Jesus do Monte, produzida pelas religiosas do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, em Santo Amaro da Purificação – BA, no século XIX. A pesquisa foi iniciada em 2008, resultando na dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes / UFBA e foi fundamentada no método de análise formal de algumas imagens do Menino Jesus do Monte, selecionadas por apresentarem semelhanças quanto à técnica empregada na manufatura e materiais utilizados na ornamentação, sendo utilizados também os métodos comparativo e iconográfico-iconológico, considerando ainda o objeto de estudo dentro do seu contexto histórico, embasado na história religiosa e história da arte.

Palavras-Chave: Iconografia, Menino Jesus do Monte, devoção feminina, história religiosa.

INTRODUÇÃO

Em 2008 quando decidi realizar pesquisa sobre a representação do Menino Jesus do Monte, produzida no Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, na Bahia oitocentista, me deparei com a ausência de estudos, no Brasil, referente ao tema da infância de Jesus. Naquele momento encontrei nos textos de autores portugueses e espanhóis o ponto de partida para a minha investigação, que resultou na dissertação de Mestrado intitulada "Menino Jesus do Monte: arte e religiosidade na cidade de Santo Amaro da Purificação no século XIX", apresentada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, no ano de 2010.

A iniciativa em realizar um projeto de pesquisa envolvendo este objeto nasceu da necessidade em entender mais sobre esse interessante trabalho artesanal, confeccionado no Recôncavo Baiano, por hábeis mãos femininas, inspiradas pelo fervor religioso. O grande destaque dessa representação não está no trabalho escultórico ou pictórico dado a imagem de Jesus ainda criança, e sim, no tratamento "extra-escultórico", curioso e delicado, dado às vestes do Menino, bem como na exuberante ornamentação que o cerca e compõe o seu monte, elaborado nos mais diversos materiais.

O primeiro capítulo da dissertação, intitulado "A figura de Jesus Infante" foi então estruturado com o intuito de suprir um pouco a carência de textos relativos a infância de Jesus, apresentando as diversas representações iconográficas que envolvem os primeiros anos de vida de Jesus, as cenas históricas, baseadas nos Evangelhos Canônicos e outras iconografias do Menino, sobretudo aquelas cuja influência derivam do período medieval, inspiradas nas fontes apócrifas e nas grandes revelações místicas dos santos.

Iniciamos a pesquisa buscando informações acerca da arte cristã primitiva, ainda no século IV, quando o nascimento de Cristo aparece em representações encontradas nas catacumbas, a partir das cenas que tratam da Adoração dos Magos e de Maria com seu filho, este ainda sem nenhum atributo que revelasse a sua divindade. Só após os Concílios de Nicéia (325), que afirmou a consubstancialidade de Cristo e de Éfeso (431)[1], que declarou ser Maria, mãe de Deus, Virgem de *Theotokus*[2], o programa iconográfico de Jesus começa a ser elaborado, passando a ser representado com auréola, exaltando a sua natureza divina.

Com a liberdade de culto proclamada pelo imperador Constantino, as representações da Natividade, narradas nos Evangelhos Canônicos e Apócrifos, passam a ornar os mosteiros, assim como as Iluminuras que eram produzidas nesses espaços. A partir daí tem início também as solenidades do Natal, em substituição a festa romana do Deus-sol.[3]

---

[1] O Concílio de Nicéia (325) foi a primeira Conferência de bispos da Igreja Católica e resolveu questões levantadas pela opinião Ariana da natureza de Jesus, afirmando ser Cristo da mesma essência que o Pai e não criatura Dele. O Concílio de Éfeso (431) teve como resultado a condenação da heresia cristológica e mariológica de Nestório e proclamou a maternidade divina de Maria.
[2] Theotokus é uma palavra grega que significa "Mãe de Deus".
[3] A data de nascimento de Jesus foi estabelecida no dia 25 de dezembro, sobretudo por questões sócio-culturais. A data provém do calendário civil romano, e corresponde às festividades ao "sol invictus", introduzida em Roma pelo imperador Aureliano, no ano de 274. No século IV, os cristãos já tinham conquistados Roma e adotaram o modelo ideológico do culto pagão, como forma de valorizar o nascimento de Cristo, passando então a se chamar "Dies Natalis Domini" (Natal do Senhor).
Fonte: http://www.iujc.pt/compr/06/festa.html, acesso em 22/05/10.

Nos textos oficiais, a referência ao nascimento de Jesus e Visita dos Magos aparece apenas em um pequeno trecho do Evangelho de Mateus (2:10-11). Segundo os relatos, Magos chegaram até o Salvador, guiados pela estrela de Belém que brilhava no céu, quando do seu nascimento. "Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam. Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra." Simbolicamente o ouro representava a realeza, o incenso a divindade e a mirra, paixão.[4]A Visita dos Magos também está registrado no Evangelho apócrifo Pseudo-Mateus, capítulo XVI, que também faz referência a estrela e aos presentes, entretanto, os apócrifos relatam que os magos chegaram a Jerusalém apenas dois anos transcorrido o nascimento de Jesus.[5]

Em inúmeros exemplares de ícones marianos, muito difundidos pela Igreja Oriental, Jesus geralmente aparece como figura principal nos braços de Maria, sua mãe. Segundo Gharib (1997, p.77) "a incomparável grandeza da Mãe provém, como de uma fonte, da do seu Filho, Homem e Deus ao mesmo tempo, segunda pessoa da SSma. Trindade." Também na Igreja Ocidental o Menino Jesus aparece em várias imagens da Virgem, em seus braços, conforme inspiração cristã.

O tema da Natividade começa a atingir a piedade popular, no século XIII, com a sua disseminação através das Ordens Religiosas, sobretudo com seus autos e teatros religiosos. São Francisco de Assis, no ano de 1223, organiza o primeiro presépio celebrando o Natal, valorizando o amor e a devoção ao Menino Jesus, que se propagou por todo mundo cristão. Nesse mesmo período a *Legenda Áurea*, literatura hagiográfica, torna-se referência para os cristãos e fonte de inspiração para muitos artistas. Sobre a Natividade, o autor relata:

> [...]o caráter milagroso da Natividade foi demonstrado pelo fato de nela terem intervindo todas as espécies de criaturas. A que tem somente o ser, como puramente corpóreas, por exemplo as pedras. A que tem o ser e a vida, como os vegetais e as árvores. A que tem o ser, a vida e o sentimento, como o homem. A que tem o ser, a vida, o sentimento, o discernimento e a inteligência, como o anjo. Todas essas criaturas anunciaram o nascimento de Cristo de diversas formas.[6]

Ainda no século XIII, outra linha cristológica começa a ser disseminada: a do caminho da cruz que valorizava os rituais da Paixão. A Natividade e a Paixão são, portanto, os dois mistérios centrais da fé que irão alimentar e ocupar a piedade dos fiéis, ora em regime de alternância, ora em regime de simultaneidade.[7] Com a temática infantil do ciclo da Paixão a Igreja Católica buscava, naquele momento, atingir a compaixão dos fiéis de forma mais dramática, fazendo-os meditar sobre a redenção humana.

Nesse contexto elementos associados à Paixão começam a ser apresentados com maior destaque, inclusive nas representações em que o Menino aparece, sendo os mais comuns a Coluna e o Chicote, utilizados na flagelação; a Coroa de Espinhos, colocada sarcasticamente pelos soldados romanos aludindo às coroas imperiais; a Cruz onde foi crucificado; Esponja embebida em vinagre e Mirra para aumentar o sofrimento, além da Lança da Transfiguração, com a qual Cristo foi perfurado.

Surgem depois as figuras do Galo, simbolizando a negação de Pedro; o Cálice da "Última Ceia"; a Bacia e Gomil do lava-pés; o Manto da Flagelação; a Inscrição na cruz "INRI" (*Iesus Nazarenus Rex Iudaerorum* – Jesus de Nazaré Rei dos Judeus); o Sol e a Lua, representando o eclipse e o Pelicano, símbolo de Cristo Crucificado.[8]

No final do século XIV o tema da Adoração ao Menino Jesus começa a se fixar de maneira mais definitiva na iconografia cristã, quando as figuras de anjos e pastores são incorporadas a cena principal, aonde já aparecem a Virgem e São José, dando-lhe um caráter mais narrativo. Além destas, outras cenas históricas narradas no Evangelho também surgem com mais frequência, como a "Fuga para o Egito", "Apresentação do Menino Jesus no Templo" e "Jesus entre os Doutores da lei".

As descrições da Natividade e Paixão de Cristo também ganharam destaque a partir dos escritos de Santa Brígida. Em *Revelações de Santa Brígida*, datado de 1370, "[...] la mística cuenta como lê fue dado a conocer el relato del Nacimiento de Jésus directamente por la própria Virgen. Esta vision influyó de manera determinante em el arte."[9]

---

[4] Bíblia de Jerusalém, Edição em língua portuguesa, 5ª impressão, PAULUS, 2008
[5] VARAZZE, Jacopo, Legenda Áurea – Vida dos Santos, Comp. das Letras, SP, 2003 p.97
[6] Sobre este tema ver: MORUJÃO, Isabel, As Lágrimas do Menino Jesus, Via Spiritus, 2 / 1995, Fonte: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3454.pdf, acessado em 08/05/09.
[7] Revista da Exposição "A Paixão do Menino Jesus" / Museu de arte Sacra e Etnologia – Fátima (Missionários da Consolata), Ano I,
[8] Revista da Exposição "A Paixão do Menino Jesus" / Museu de arte Sacra e Etnologia – Fátima (Missionários da Consolata), Ano I, n. 1, março/2008.
[9] ORTIZ, Alicia Sánchez "De lo visible a lo legible. El color em la iconografia cristiana: Uma clave para el restaurador, p. 228.

Figura 1 - Menino Jesus com instrumentos da Paixão. Séc. XVIII - Postal. Museu de Arte Sacra e Etnologia. (Missionários da Consolata) Fátima. Portugal, 2010.

Figura 2 - Menino Jesus crucificado / Séc. XVIII Castillo Coleção Antiga – Guatemala Fonte: Rodrigo Castillo.

A grande variedade de composições iconográficas do Menino Jesus, entretanto, se expande com maior intensidade no período pós-tridentino. A intenção de transmitir a mensagem de fé passa a estimular a produção de imagens devocionais com características incomuns. Dentre essas várias iconografias podemos citar: Menino Jesus dos Atribulados; Menino Jesus Majestoso; Menino Jesus dormindo sobre a Cruz (ou premonição da Paixão); Menino Jesus com instrumentos da Paixão; Menino Jesus Carpinteiro; Menino Jesus Presbítero; Menino Jesus Peregrino; Menino Jesus Crucificado, dentre outros.(FIG.1, 2).

No século XVI a figura do Jesus Infante ganha força no interior dos conventos femininos. Na Espanha, os Carmelitas Descalços Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz tinham profunda afeição ao Menino e colaboraram em expandir a devoção por toda a Europa. Sabe-se que neste mesmo século, em Portugal, já havia imagens do Menino Jesus destinadas ao culto e que posteriormente a devoção foi estendida às suas colônias.

Também nesse período, a representação do Menino Jesus Salvador do Mundo passa a ser uma das mais conhecidas e divulgadas, destacando a figura do Menino como modelo de realeza. Este tipo iconográfico foi muito produzido pelas oficinas flamengas no início do século XVI, difundindo-se pela Espanha e, consequentemente, Portugal.[10] O Menino aparece segurando, geralmente com a mão esquerda, o globo terrestre e, com a direita, faz o gesto bizantino de abençoar.(FIG.3).

A devoção aos santos católicos se expande pelo mundo Ibérico e suas colônias, chegando as terras brasileiras. Fundamentais no processo didático e de comunicação entre a Igreja Católica e a população leiga, as representações artísticas religiosas atendiam a um modelo de fé concebido pelo cristianismo, chegando ao Brasil com os primeiros colonizadores. Segundo Freire (2009, p 2.147):

> Quando a cultura brasileira começou a ser plasmada, a mentalidade do elemento europeu era múltipla, a grande massa dos colonos portugueses trouxe consigo uma mundivisão medieval prevalecente nas aldeias de origem, somente os representantes da nobreza e da burguesia, em menor proporção, mas com poder decisório, é que conheciam e incorporavam como cultura de classe, o humanismo renascentista. Isto aliás não era próprio de Portugal, como estado periférico da Europa, ocorria em grande parte dos estados e em menor proporção na Itália.

No Brasil, no século XVII, destacamos, dentre as belíssimas produções escultóricas do ceramista português Frei Agostinho da Piedade, a representação intitulada Menino Jesus de Olinda, feita em terracota, que apresenta semelhança com os modelos orientais produzidos em marfim, conhecidos como O Bom Pastor. Iconografia esta muito disseminada nas colônias portuguesas.

---

[10] Para saber mais ver: TÁVORA, Bernardo F. de Tavares, Meninos Jesus Cíngalo-Portugueses e seus prováveis protótipos flamengos, Revista Universitas, n. 25 Salvador, 1979.

Figura 3 - Menino Jesus Salvador do Mundo/séc. XVIII Museu de Arte Sacra e Etnologia (MASE) (Missionários da Consolata) Fátima- Portugal.

Figura 4 - Menino Jesus de Olinda / Séc. XVIII Frei Agostinho da Piedade – Mosteiro de São Bento de Olinda. Fonte: Nordeste Histórico e Monumental p. 428 Fotografia: Clarival Prado Valadares.

Na representação de Frei Agostinho Jesus aparece sentado sobre um coração em atitude de profunda meditação, segurando o globo do mundo encimado por uma cruz. Toda a figura está assentada sobre uma grande almofada. Na base, inscrição em latim, "*Ego Dormio Sed Cor Meum Vigilat*" que significa "Eu estou dormindo, mas meu coração está vigilante".[11] (FIG.4)

.

O catolicismo baiano, com característica devocional intensa, favoreceu a produção de uma imaginária que, segundo Flexor, não era resultado apenas de uma sensação estética, mas de uma necessidade física voltada muito mais para o ato de externar a fé do que para a compreensão da doutrina católica.[12] Levada ao ambiente doméstico, algumas representações ganhavam devoção especial nas residências baianas, tratados com piedosa adulação pelos devotos. Junto as imagens de culto particular, estava a imagem do Menino Jesus, que figurava como uma das representações prediletas. Caracterizado por ser uma devoção tipicamente feminina, o culto ao Jesus Infante esteve presente também nos conventos e recolhimentos baianos, a exemplo do Convento do Desterro, aonde viviam filhas de abastadas famílias baianas. Inspiradas de uma vocação maternal, as irmãs Clarissas do Desterro cultuavam o Menino Jesus, realizando festas em sua homenagem e a Sagrada Família.

Nos Conventos da Lapa e da Soledade também era grande o amor das reclusas ao Menino, assim como no Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, em Santo Amaro da Purificação, aonde a devoção vai se difundir com grande fervor, sobretudo no século XIX. Dessa grande devoção surge a representação iconográfica denominada Menino Jesus do Monte, que ficou bastante conhecida a partir das imagens produzidas pelas religiosas dos Humildes.

Nos Conventos da Lapa e da Soledade também era grande o amor das reclusas ao Menino, assim como no Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, em Santo Amaro da Purificação, aonde a devoção vai se difundir com grande fervor, sobretudo no século XIX. Dessa grande devoção surge a representação iconográfica denominada Menino Jesus do Monte, que ficou bastante conhecida a partir das imagens produzidas pelas religiosas dos Humildes.

A história de fundação do Recolhimento dos HumildesA história de fundação do Recolhimento dos Humildes se deve a figura do Padre Inácio Teixeira dos Santos e Araújo, um santamerense que dedicou sua vida às tarefas religiosas.

Ver estudo de SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria. *Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade - Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São João*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1971. p. 34.

Figura 5 - Aula de costura no Recolhimento dos Humildes - Início do século XX
Fotografia: autor desconhecido.

A Igreja é edificada no ano de 1805 sob a invocação de Nossa Senhora dos Humildes, anexando-se a esta, uma modesta habitação já com o intuito de receber "senhoras de reconhecida honestidade que quisessem prestar serviços ao culto Divino". [13]

Acreditamos que o Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes tenha sido o mais importante espaço destinado a educação de meninas na região do Recôncavo Baiano, naquele momento, atraindo desde moças da elite açucareira até órfãs desamparadas. Pensionistas ou não, as meninas que ingressavam nos Humildes tinham a oportunidade de instrução dentro de um modelo pedagógico religioso e moral da época. Aprendiam a leitura, escrita, costura, trabalhos de bordado e renda e demais instruções dignas da formação feminina. Dentre as várias atividades que realizavam envolvendo as artes decorativas, destacava-se a ornamentação dos Meninos Jesus, que logo ganhou fama. (FIG.5)

A representação denominada "Menino Jesus do Monte", objeto de nossa pesquisa do mestrado, apresenta sempre a figura do Menino sobre um monte que geralmente encontra-se decorado com uma infinidade de elementos representativos da fauna e flora da região, em uma mistura de símbolos. Jesus aparece como criança, de pé, braços levantados à frente, com uma das mãos faz o gesto de abençoar e com a outra, segura um cajado, buquê de flores ou penca de amuletos. Usa túnica ornada com joias e fios dourados. Destaca-se a decoração ao redor da figura de Jesus, bastante elaborada, com muitos detalhes dourados e miçangas coloridas.(FIG.6).

A ornamentação que envolve a figura do Menino é uma das características que mais se destaca no trabalho artesanal dos Humildes. São arranjos florais, geralmente elaborados em metal dourado, pedras e miçangas coloridas, lantejoulas e flores em miniatura, feitas com asas de besouro encontrados na região de Santo Amaro e que produzem um belo efeito decorativo. (FIG.7).

Levado aos requintes de luxo e bom gosto, a ornamentação exuberante dos Meninos do Recolhimento dos Humildes foi ganhando destaque a partir da habilidade manual das reclusas, tornando-se cada vez mais populares. As vestes do Menino eram primorosamente bordadas e joias também faziam parte dessa ornamentação, como correntes e abotoaduras em ouro, coroas e outras peças de valor. Sua decoração dependia também do poder aquisitivo de quem as encomendava. Eram essas encomendas, inclusive, que ajudavam na manutenção da instituição. As imagens foram ganhando o gosto popular, figurando junto aos oratórios das residências baianas.

[13] PAIM, Zilda, História de Santo Amaro, s/data p. 81.

Figura 6 - Menino Jesus do Monte
Coleção particular.Fonte: Sérgio Benutti.

Figura 7- Menino Jesus do Monte - detalhe
Coleção Museu de Arte Sacra da UFBA
Fonte: Edjane Silva.

No caso da representação produzida pelas religiosas dos Humildes o processo particular de produção dessa imaginária chama atenção pelo fato de ser um trabalho realizado de forma artesanal, o que consiste a cada peça uma originalidade especial. Cada imagem contém elementos diferentes, com seus montes decorados de forma única, refletindo valores e comportamentos dentro de um contexto sociocultural encontrado na Bahia do século XIX. Envolve, acima de tudo, aspectos do cotidiano feminino daquele período, momento em que as únicas opções de vida para a mulher eram o casamento com um homem ou com Deus.

Essa representação cristã, que se tornou objeto particular de devoção das religiosas do Recolhimento dos Humildes e da população de Santo Amaro, ressalta o exagero místico e devocional, próprio da espiritualidade feminina, que se "materializa" através de sua riqueza iconográfica. A devoção em torno do Menino Jesus, na Bahia, sedimentou-se também, em virtude de seu caráter popular baseada, sobretudo, na tradição dos ritos do Natal.

Das primeiras imagens de Jesus, ainda nas catacumbas, até as imagens oitocentistas do Menino Jesus do Monte, no Recôncavo Baiano, é interessante perceber o quanto a devoção e piedade popular possibilitaram o surgimento de inúmeros modelos iconográficos representativos de Jesus na sua infância, elaborados a partir de estéticas exuberantes que unem elementos sagrados, de fontes teológicas, com outros de caráter profano, propiciando uma dinâmica que expressa, acima de tudo, a materialização do sagrado.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando, REZENDE, Maria. **A vida Religiosa Feminina no Brasil Colonial,** In: Vida Religiosa no Brasil Enfoques Históricos, Ed. Paulinas, 1983.

BRAGA, Sidnei. **O Salvador Menino – Expressões Artísticas de uma Tradição.** Fund. Gregório de Matto, Salvador, 2000

Bíblia de Jerusalém, Paulus, 5ª Impresssão, 2008. Caminho Real de la Cruz Moreno Tejada, Juan, fl. 1748-1810 Disponível em: http://www.archive.org/details/caminorealdelacr00haef Acesso em 08/03/2009

Estatuto do Recolhimento dos Humildes, Santo Amaro, 1910. Evangelhos Apócrifos, Trad. Urbano Ziles, 2. Ed. Coleção Teologia, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001

FARIA, Patrícia Souza de. **A cultura barroca e seus impactos sobre os espaços coloniais:** Política e religião na índia Portuguesa. Dissertação de Mestrado em História, UERJ, RJ, 2004.

FLEXOR. Maria Helena, A Religiosidade Popular e a imaginária na Bahia do século XVIII, In: Actas do III Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, Universidade de Évora, 1995, p.12.

Figura 8 - Menino Jesus do Monte - detalhe da túnica
Coleção Museu de Arte Sacra da UFBA. Foto: Edjane Silva.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. I**maginária e Imaginário no Brasil Colonial,** Atas do 18º Encontro da associação de Pesquisadores em Artes Plásticas, Salvador, 2009.

GHARIB, Gorges, *Os Ícones de Cristo – História e Culto,* Paulus, SP, 1997

MARTÍN, Domingo Sánchez-Meza. **La Infância de Jesus em el arte Granadino: La escultura** Disponível em: http:// www.fuesp.com/revistas/pag/cai0103.html Acesso em: 08/05/2009

MORUJÃO, Isabel. **As Lágrimas do Menino Jesus,** Via Spiritus, 2 / 1995 131- 137 Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3454.pdf Acesso em: 08/05/09

NOTAS HISTÓRICAS DO RECOLHIMENTO DOS HUMILDES. Santo Amaro – Bahia s/data e s/ autoria

ORTIZ, Alicia Sánchez. **"De lo visible a lo legible. El color em la iconografia cristiana***: Uma clave para el restaurador* Disponível em: http://eprints.ucm.es/tesis/19911996/H/1/AH1005201.pdf Acesso em: 08/05/2009

PAIM, Zilda. **História de Santo Amaro**, s/ data.

PASTRO, C. **Arte Sacra – O Espaço Sagrado Hoje**. Loyola , SP , 1993

REVISTA DA EXPOSIÇÃO ***"A Paixão do Menino Jesus"*** / Museu de arte Sacra e Etnologia –Fátima (Missionários da Consolata), Ano I, n. 1, março/2008

ROIG, Juan Ferrando. **Iconografia de los santos.** Ed. Omega, AS, Barcelona, 1950

SHMITT, Jean-Claude. **Imagens** In: Dicionário Temático do Ocidente Medieval, Coord. Jacques Le Goof e Jean-Claude Shmitt, Trad. Hilário Franco Jr, SP, 2006

SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria. **Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade - Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São João**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1971

TÁVORA, Bernardo F. de Tavares. ***Meninos Jesus Cíngalo-Portugueses e seus prováveis protótipos flamengos.*** Revista Universitas, n. 25 Salvador, 1979

VAZARE, Jacopo. **Legenda Áurea – Vida dos Santos**. Comp. Das Letras, SP, 2003.